

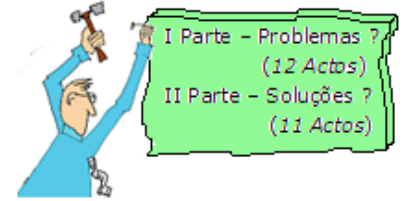


Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



Lupa sobre a democracia _ Acto 10 ***... no princípio era o caos ...***



... a viragem da civilização ...

*Na caça ao mamute, os caçadores faziam sinais entre si para que as suas acções não fossem dispersas.
Não podiam prever que, séculos mais tarde, a civilização seria dominada por esse factor de produção.*

Quando na floresta primitiva o homem pré-histórico recolhia alimentos, usando a *força* física para, com uma *faca* de pedra, esgravatar a *terra* procurando raízes, ele sem o saber usava os três principais factores de produção: ***trabalho, capital e terra.***

Todavia, um outro factor se encontrava escondido no fundo dessa tão simples actividade. Apesar de ser considerado importante e sem ele não ser possível a ***produção*** de alimentos, esse factor não era o foco dominante das estratégias sociais.

Todavia, antes de iniciar o processo produtivo de recolha de alimentos, o homem pré-histórico tinha que *saber* com precisão o que podia, e não podia comer. Utilizava, assim, também o quarto factor de produção: a ***informação/conhecimento.***

Ao longo da História a importância relativa destes factores de produção foi variando, passando a civilização por diversas fases, nas quais, consoante o factor que dominava, assim se implementava uma determinada organização social e produtiva.

Em determinada época, o ***feudalismo***, tendo como dominante o factor ***terra***, desenvolveu uma forma específica da sociedade se organizar, adaptando-a a essas características. Depois, o ***capitalismo***, com a importância que deu ao factor ***capital*** na estrutura produtiva, provocou as alterações sociais necessárias para que este pudesse desempenhar o seu papel dominante.

Por sua vez, o ***sovietismo***, focalizado no factor ***trabalho***, transformou a estrutura social para que a sociedade pudesse funcionar em consonância com as características desse processo produtivo.

Porém, estas diferentes fases, se analisadas mais profundamente, conclui-se que são apenas sub-fases, isto é diferentes maneiras de responder à mesma situação: ***feudalismo, capitalismo e sovietismos são apenas faces diferentes da mesma fase.***

Analisando os três factores de produção (***terra, capital e trabalho***) verifica-se que eles se caracterizam do mesmo modo, ou seja, todos eles:

— são ***mono-utilizáveis,***

quer isto dizer, que em cada momento só podem ser utilizados por um único homem. Por ex., dois homens não podem cavar a mesma terra, com a mesma enxada, no mesmo minuto;

— **degradáveis com a utilização,**

isto é, quanto mais vezes são aplicados no processo produtivo menos operacionalidade vão tendo. Por ex., as ferramentas partem-se, a terra esgota-se e os homens cansam-se;

— são **acumuláveis** (sem limites),

cada um destes factores permite ser aglomerado em conjuntos cada vez mais vastos. Por ex., grandes territórios dominados, muito capital armazenado, e muito trabalho disponível;

— são **adquiríveis,**

isto é: as suas características permitem que sejam negociados, conquistados ou apropriados, passando de *mão em mão*.

A alternância das fases anteriormente descritas (*feudalismo, capitalismo, soviétismo*) originou alternância do factor de produção dominante (*terra, depois capital, depois trabalho*), **mas não originou** alteração da base em que a organização sócio-produtiva se apoiava:

são **mono-utilizáveis, acumuláveis, degradáveis, adquiríveis,**

pois, como se verificou, os três factores têm essas mesmas características.

Assim, no plano da organização social, a mudança sofrida foi realizada por *evolução* e não por *mutação*. Quer isto dizer, que cada um dos modelos foi aperfeiçoado e adaptado para a fase seguinte, sempre dentro das mesmas condicionantes.

Agora, nos finais do século XX, fala-se na **sociedade de informação**. O que quer isto dizer ?

Quer dizer que o factor de produção dominante é, agora, a *informação/conhecimento*, situação que acontece pela primeira vez na História. Assim, surgem duas questões importantes. Uma, é saber quais são as características deste factor de produção; a outra é clarificar as suas consequências em termos de organização social.

Em relação às características, analisando o factor *informação-conhecimento*, ver-se-á que:

— **é multi-utilizável,**

quer isto dizer que muitos homens podem utilizar a mesma informação no mesmo momento, criando simultaneamente conhecimentos diferentes;

— **potencia-se com a utilização,**

isto é, quanto mais a mesma informação é utilizada em vários processos de conhecimento mais, o conjunto se desenvolve. Em reforço deste facto, também acontece o inverso, quanto menos se usa uma informação, mais ela perde operacionalidade: *...guardar sem uso uma informação, é perdê-la;*

— **Não é acumulável sem limites,**

na verdade, a permanente aquisição de informação, para ser operacional, tem limites, pois não basta **ter** informação: é preciso integrá-la em estruturas de significado (conhecimento). É necessário progredir nas estruturas de conhecimento pela reformulação de padrões (e isto sem limites), continuamente *largando* uma informação e *agarrando* outra;

— **não é adquirível,**

se bem que o alimento intelectual (**dados fornecidos**) seja adquirível, a sua manipulação pela inteligência, para se transformar no recurso **conhecimento**, não é

¹ - É como se a civilização tendo sempre o mesmo pé no chão, dado que os três factores têm a mesma característica, apenas mudasse de sapato na passagem do feudalismo para o capitalismo e o soviétismo.

apropriável. Este factor de produção (inteligência produtora de conhecimento) é totalmente privado: não transferível, não comandável, não roubável.²

Quanto mais as empresas necessitam de *inteligência operativa* para ocupar um posto de trabalho, mais a gestão dos Recursos Humanos é o seu principal factor estratégico.³

Em conclusão, quando, após a alternância no *poder* dos primeiros três factores de produção citados, se passa para o quarto, verifica-se que os *alicerces*, em que a organização social se apoia, mudam drasticamente para o seu oposto:

- no plano do uso, **multi-utilizável** (e não mono-utilizável);
- no plano da capacidade, **potenciação** (e não degradação);
- no plano da acumulação, **com limites** (e não sem limites);
- no plano da propriedade, **pessoal** (e não sendo adquirível).

Assim, é evidente que toda a organização social terá que ter, não uma adaptação evolutiva, mas sim uma **mutação organizacional**.⁴ Este aspecto é particularmente sensível no plano da gestão e da organização democráticas.

Hoje, um País progride, **NÃO** quando cresce economicamente, **MAS SIM** quando se desenvolve na contínua expansão da informação e do conhecimento, a nível da sua quantidade, qualidade e rapidez de obtenção e utilização.⁵

Assim, os modelos de gestão da democracia não podem ser os mesmos de épocas anteriores, nem sequer aperfeiçoados. As metodologias de participação na gestão democrática têm que mudar.

² - Numa organização produtiva, um *patrão* pode ser dono de tudo, menos da inteligência operativa dos seus empregados.

³ - Por ex., se numa empresa de gestão financeira, de *software*, etc, os seus quadros se demitirem de um dia para outro, essa empresa passa a valer apenas o que vale o seu mobiliário em segunda mão. Se as suas acções estiverem na Bolsa, é importante um investidor conhecer bem a sua gestão de Recursos Humanos.

⁴ - Utilizando a analogia atrás descrita, poder-se-á dizer que "agora, a civilização não muda apenas de sapato, mas troca também o pé que apoia no chão".

⁵ - A colocação de indústrias em países atrasados, por causa da mão de obra barata, arrasta consigo a entrega de informação/conhecimento que, se bem utilizada, origina, também, uma transferência do poder económico (caso do Extremo Oriente ?!).

... acabou o "faz de conta"...

Em relação às consequências em termos de organização social de uma sociedade baseada na informação/conhecimento a sua análise obriga a uma "viagem" a outros conceitos.

As sociedades humanas sempre foram sistemas complexos, porém os políticos sempre as encararam como sistemas complicados de peças mal ajustadas.

Um **sistema complicado** pode definir-se como um conjunto onde, em cada momento, toda a informação está disponível, porém, o observador pode **ainda** não a conhecer na totalidade.

Como exemplo: um *robot* a tocar piano em Marte, comandado por um centro de controlo na Terra, por muito aperfeiçoado que seja, é sempre um sistema complicado.

Neste caso, todos os dados obtidos a seu respeito **reduzem a incerteza e aumentam a certeza**.

Um **sistema complexo** pode ser definido como um conjunto onde, em cada momento, nunca existe uma total disponibilidade de informação, pela simples razão de que ele está, permanentemente, a mudar de estado e, portanto, a criar informação.

Por outras palavras, pode dizer-se que um sistema complexo é aquele onde existem muitos actores independentes, inter-agindo entre si e dispendo de uma infinita variabilidade de processos. Como consequência, um observador **nunca** pode conhecer esse sistema na totalidade.

Por exemplo: uma amiba, por muito simples que seja, é sempre um sistema complexo.

No caso de sistemas complexos, todos os dados obtidos a seu respeito **reduzem a incerteza, mas não aumentam a certeza**.¹

Em relação aos sistemas complexos, ainda se pode considerar dois tipos: os **moderadamente complexos** e os **intensamente complexos**. Os primeiros são aqueles em que as situações têm *retorno*; isto é: a mesma situação volta a repetir-se com maior ou menor semelhança. Nos segundos, esta hipótese de repetição, mesmo apenas com ligeiras parencas, não tem qualquer viabilidade. Num exemplo² :

Imagine-se um terreno cheio de pedras de diversos tipos e características.

Ele pode ser considerado como um sistema complicado cheio de informação (tipo de rochas, sua constituição, origem, etc.) que um observador pode ou não conhecer, mas no qual todos os dados se encontram disponíveis. À medida que o observador vai aumentando os dados recolhidos, vai, também, aumentando o nível de certeza e reduzindo o nível de incerteza que possui acerca do sistema.

¹ - Muita informação acerca do filho reduz a incerteza acerca do que fez, mas não aumenta a certeza acerca do que ele é (fará).

² - Com base em David Ruelle, in, *Hasard et Chaos*; e J.L. Mélenchon, in, *A la conquête du chaos*.

Imagine-se, agora, que nesse terreno cheio de **pedras** é colocado **um carneiro**.

Esta alteração transformou o sistema complicado **num sistema complexo**, pois o carneiro na sua movimentação livre e autónoma, ao mudar de posição dentro do terreno, está permanentemente a criar informação. Deste modo, para um observador, todo o dado recolhido acerca deste sistema aumenta os níveis de certeza, mas não reduz a incerteza sobre a fase seguinte da movimentação do carneiro e das suas consequências no terreno.

Todavia, considerando a relação entre o carneiro (factor de imprevisibilidade) e o terreno com pedras (factor de previsibilidade) pode facilmente imaginar-se que, algures no futuro, uma determinada situação se repetirá ciclicamente: o carneiro parará num ponto já anteriormente ocupado.

Ter-se-á, assim, um sistema **moderadamente complexo**, onde a experiência do passado poderá dar algum apoio para a compreensão/intervenção no futuro.

Mas, se, nesse terreno cheio de **pedras**, em vez de um carneiro forem colocados **100 carneiros**, o sistema passa de moderadamente complexo a **intensamente complexo**.

Na verdade, não só a criação de situações novas foi exponencialmente aumentada, como agora é praticamente impossível que uma situação anterior se venha a repetir, isto é, que os 100 espaços ocupados num determinado momento por cada carneiro venham a ser outra vez ocupados, ao mesmo tempo, pelos mesmos carneiros.

Se se imaginar (ainda) que cada carneiro tem 100 pulgas, todas elas em movimento, as condições de **sem eterno retorno** tornam-se mais nítidas. Pois não será viável, que os 100 espaços estejam ocupados ao mesmo tempo, pelos mesmos 100 carneiros, tendo cada um, as suas 100 pulgas nos mesmos locais do seu corpo.

Usando esta analogia, pode dizer-se que uma sociedade humana em geral, e a sua vida democrática em particular, são, na essência, sistemas intensamente complexos, onde os seus grupos (os atrás citados *carneiros*) alteram constantemente as posições relativas e o equilíbrio de forças, e dentro de cada grupo, os indivíduos que os constituem (as referidas *pulgas*)³ não têm sempre a mesma rede de interdependências.

Numa palavra, uma sociedade humana e a sua vida democrática **nunca** são sistemas complicados, como até aqui os modelos de gestão política os têm considerado.

Desde a sociedade feudal do início da Idade Média, cheia de *servos da gleba*, até à situação da democracia desenvolvida nos finais do século XX, plena de *cidadãos culturalmente desenvolvidos e com grandes margens de autonomia*, a evolução histórica caminhou de sistemas **moderadamente complexos** (vistos como complicados) para sistemas **intensamente complexos** (que não podem mais ser vistos como complicados).

O actual sistema sócio-político, com o *aumento da instrução, abertura cultural, intensa formação tecnológica, intensificação da participação social*, etc., corresponde, na analogia da *duna, ao olear* dos seus **grãos de areia**, intensificando deste modo a sua *imprevisibilidade*, ou seja: aumentando o dinamismo social e o seu aparente comportamento *irracional*.

Na analogia do terreno com pedras e animais vivos, os cidadãos deixaram de ter a quietude e previsibilidade de *pedras políticas* susceptíveis de serem jogadas sossegadamente nos *tabuleiros partidários centrais*, para passarem a *animais políticos*, integrados nas suas realidades locais.

³ - Que pertencem simultaneamente a vários grupos (família, trabalho, partido, lazer, etc), o que aumenta a complexidade do sistema.

Por outras palavras, tudo se resume ao nascimento de um sistema intensamente complexo, cujos actores sociais têm cada vez mais uma *maior independência e um gradual aumento das suas inter-relações e área de manobra, possuindo (ainda) inúmeras formas disponíveis de interacção*.⁴

Nesta situação, assim transformada, continuar a agir e a pensar usando os mesmos modelos da situação anterior, pode dar origem a duas consequências diferentes.

Numa delas, devido à desadaptação provocada entre o modelo de gestão antiquado e a realidade transformada, o sistema vai deixar de funcionar e conclui-se que ele se tornou irracional (?). Ou seja, *não governável*.

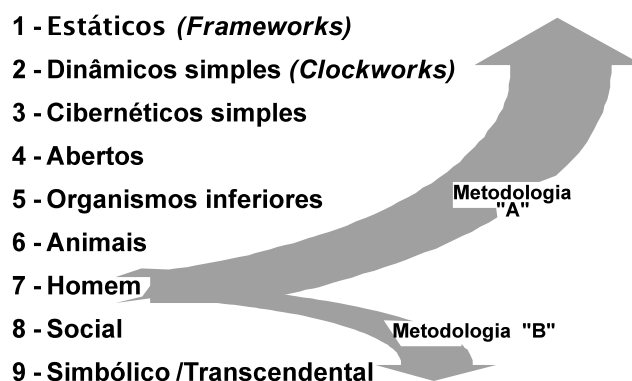
Na outra, e também como solução à anterior, o sistema vai adaptar-se ao modelo de gestão, e aparentemente funciona bem. Porém, isto significa que ele *regrediu* para a situação de *moderadamente complexo*, afastando-se das vias de progresso, definhando e apatizando cada vez mais. O seu fim, é a desagregação (com mais ou menos crises, violentas ou não) ou uma explosão (criando mutações bruscas).

Usando a classificação de Kenneth Boulding para os vários tipos de sistemas, em função da sua complexidade, ter-se-á:

- 1 - Estáticos (*frameworks*)
- 2 - Dinâmicos simples (*clockworks*)
- 3 - Cibernéticos simples
- 4 - Abertos
- 5 - Organismos inferiores
- 6 - Animais
- 7 - Homem
- 8 - Social
- 9 - Simbólico/Transcendental

Quando o homem (sistema de complexidade 7), estuda e/ou age em sistemas menos complexos que o seu nível, usa certamente uma metodologia a isso adaptada, (no esquema abaixo, seria uma metodologia do tipo **A**).

Porém, se o homem pretende estudar ou agir em sistemas mais complexos do que o seu, por exemplo, uma empresa ou a dinâmica democrática, ou seja, o nível do social (de complexidade superior à sua), então com certeza que terá de usar uma metodologia diferente da anterior (no esquema abaixo, seria uma metodologia tipo **B**). **A questão que se coloca, é se é isso que se tem feito?**



⁴ - Bastante diferente da situação, por exemplo, da Idade Média, onde o *turismo* se fazia em torno da aldeia, as notícias chegavam com anos de atraso, o mundo resumia-se ao horizonte visível e os modelos de actuação eram os herdados do avô.

No caso das organizações de trabalho, sistemas complexos de características sócio-técnicas, quando a tecnologia existente se baseava em postos de trabalho de baixa capacitação inte-lectual,⁵era possível, pela inatividade mental que impunha, as empresas serem geridas com metodologia de sistemas complicados,⁶esquecendo assim o problema. Mas quando os finais do século XX arrastam tecnologias que obrigam à intensa manipulação de informação,⁷ os diversos postos de trabalho já não podem mais ser ocupados por indivíduos com *boa* (?) apatização mental.⁸ As organizações, hoje, são nitidamente sistemas complexos e não podem mais ser actuados como se o não fossem. Deixou de ser possível *fingir que não se vê*.⁹

A situação é nova e exige outras metodologias, o que vai obrigar a novas aprendizagens. Portanto, conduz a novas formas de desenvolver e difundir conhecimento e intervir no contexto social. Vão ter que ser criados novos pontos de vista e novas metodologias para a gestão da sociedade.

Talvez ainda não exista um modelo bem claro, mas o caminho parece surgir com clareza, ou seja...

Lupa sobre a Democracia_Acto 11 . ..fugindo da estupidez organizacional..

⁵ -As cadeias de montagem das fábricas no princípio do século XX.

⁶ -Do tipo ... *não estás aqui para pensar estás para fazer*.

⁷ - Definindo operário como *o que opera uma máquina*, será que um operário de construção civil que opera um *carrinho de mão* é igual a um aviator que opera a máquina chamada *avião*?

⁸ -Tão do agrado dos sistemas autoritários, de ditadura mais ou menos *doce*, ou mesmo nas *democracias sonolentas*.

⁹ - Não são os sistemas sociais que se tornam ingeríveis, são os gestores que se tornaram incompetentes. Agora, muitas vezes, a experiência adquirida é, apenas e só, *incompetência treinada*.